

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 402

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de port. — As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte. ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 30 DE SETEMBRO

A liberdade do Mindelo.

Esta matrona virago, que, á similitude de arlequin de feira, os empresarios do liberalismo lhe apresentam cheis de arrebiques e cáio para lhe encobrirem as rugas e a hediondez do aspecto, é a mais consumada antithese da famosa cognominação com que o apresentam.

Se abrimos um dicionario e procurarmos o pregoado substantivo achamos, por exemplo: «Liberdade, facultade de obrar ou deixar de obrar; condição do que não é escravo ou do que não está preso; alforria; facultade de fazer o que a lei não prohibe; grande ou demasiada familiaridade; independencia etc.» Isto dizem Moraes, Fonseca, Roquette e outros nescios que escreveram dicionarios, deixando de mencionar os significados da liberdade do Mindelo. Dir-nos-hão que *aquelle et cetera* é abrangivo do resto; mas não estamos com isso conformes, e rasos temos de ser exigentes quando não admittimos que um *staples* etc. veja supprir uma tão farta quantidade de significados.

Corrijamos pois os dicionarios e que seus auctores tenham paciencia em nos relevarem do commettimento. Sejamos editores ao menos do celebre substantivo e aos seus significados augmentamos por nossa conta o que parece mal estar supprindo *aquelle et cetera*.

«Liberdade etc... do Mindello: designação por antifraxe dada ao sistema de governo que domina ha 42 annos em Portugal; licença, libertinagem, devassidão, immoralidade, corrupção, roubo, assassinio, peculato, falcatura, orgia, deboche, oppressão, escravidão dos contrarios; Caris para encobrir as mais tremendas patiaris. Armadilha ou rede de arrastar papalvos etc. etc. etc.»

Ora se ha ali quem se julgue habilitado a vir disputar-nos a razão do augmento e correccão ao dicionario, appareça e desciete que prompto e de boa mente nos acha disposto a aceitar o repto; no entanto de autemão daremos alguma razão do nosso dito.

Com algumas centenas de desnaturados portuguezes e estrangeiros prepegos de presingangas que por gentilezas os detinham lá por essas terras em que os não toleravam á solta; veio o sur. D. Pedro tambem escorraçado do Brasil tentar fortuna em Portugal de que se havia desnaturalizado; e por uma coincidência muito para notar, aportaram á praia dos Ladrões (desde então chamada do Mindelo, porque em casa de carrasco não se falla em corda). Ahi oude a traição lhes deixou o passo livre, desembarcaram e depois de uma guerra em que as forças materiaes e moraes de quatro nações se empenharam conseguiram, ainda assim não sem custo, impor ao povo portuguez o mais immoral e nefasto governo que todavia alardeavam de liberal.

Estabelecidos assim com precedencia de pouposos programmas começa o reinado e com elle as torpesas que não tem ainda assim perfeita explicação nos substantivos sinonimos que acima addicouamos.

Assim tem se visto que a liberdade do Mindelo é uma liberdade muito excepcional e notavel; é a liberdade pura e simplesmente para o mal; é a liberdade restringida aos seus proprios apostolos e doutrinaris para a exercerem a seu modo.

Em um dos primeiros rasgos de liberalismo com que iniciaram seu reinado, os mindeleiros quiseram provar á saciedade que lá tinham as suas razões quando aproaram as praias dos Ladrões.

Roubaram os quantiosos haveres das

corporações religiosas para os repartir entre si e os seus, extinguiram essas corporações, lançando á margem ao ostracismo e á miseria os membros das mesmas que, quando seus bens e haveres não fossem um incentivo ao extorcivo acto da extincção para a delapidação e roubo d'elles, havia mais o assombro que a virtude e moralidade d'essas corporações causavam ao liberalismo; e é sabido que a liberdade do Mindelo não admittie o exercicio da virtude e da moral.

No pacto violentado de Evora-monte, estabeleceu-se um subsidio aos officiaes do exercito vencido. A estes quando se desattendessem os seus direitos e patentes pelo facto de servirem no exercito realista, devera ter-se em consideração que eram officiaes do exercito portuguez, alguns encanecidos no serviço desde a guerra peninsular e que se se conservaram no exercito do sur. D. Miguel foi porque o seu dever militar a isso por muitas considerações os obrigava; mas não se teve em vista consideração alguma. Mandaram-se com guias para diferentes pontos, preceendo aviso ás guerrilhas faciosas que o liberalismo para isso dissimulara, assim de que no transitio os fossem assassinando; e aquelles que por milagre escaparam ao punhal vandálico do liberalismo, foram morrer de fome para casa, porque o subsidio nunca lhes chegou. Se algum posteriormente procurou collocação civil ou militar em que pelo trabalho tirasse alguns meios de subsistencia, foi desattendido por miguelista.

Ainda confiados nas promessas fallases dos liberaes não desanimaram; á custa de muito sacrificio e privações trataram de educar seus filhos com o intuito de os habilitar a um dia alcançarem uma collocação que os possesse ao abrigo da miseria, mas fatal decepção!—com quanto habilitados e em condições de preferencia a empregos de que o governo faz leilão para quem mais habilitado seja—os filhos dos legitimistas são perteridos por nulidades e analfabetos. É que os liberaes são a imagem viva do lobo da fabula.

Ora quem dirá ahi que tudo isto não sejam rasgos de acrisolada liberdade?

Depois de extintas as ordens monachaes-mascolinas, e, como dissemos, roubados seus bens, que eram muito proprios d'essas ordens, havidos por legitimos e legaes meios de aquisição, a cubija liberal achou outra fonte onde saciar sua ganancia—as ordens monachaes-femininas. E os consumos dos respeitadores da liberdade, se não poderam d'essa vez pôr as religiosas na rua, prohibiram a futura profissão (*sic*)—os lin foram os mesmos e vêem-se; acabadas as existentes, roubarem os bens, mas esses fins eram acobertados da fanfarrice liberal de que a reclusão e o celibato se oppoñam aos principios liberaes (!)

No entanto os mesmos principios que não admittem a reclusão voluntaria de meia duzia de mulheres, cujos impulsos de virtude e religião a isso is chama, authorisam, e até pela immoralidade de que são eivados, encaminham para a prostituição milhares de desgraçadas mulheres que ahi povoam os lupanares legaes. E dizemos legaes porque o governo liberal não nega diploma de authorisação a quantas infelizes se queiram lançar no charco da prostituição e do vicio. Ahi as vemos aos cardumes enchameando os prostibulos da devassidão, e expandindo por essas ruas e praças publicas os donaires da impodicia com todo assentimento a authority liberal.

Tambem ninguem negará os bons ares de bem entendida que se dá esta liberdade.

Em conclusão:—a liberdade do mindelo é a ampla facultade para todo acto que se oppoñha á virtude e á moral.

O liberal mindeleiro deixa de o ser se for um homem de bem, se for religioso, se não for um devasse e desrespeitador da moral. Se ao contrario for um exemplo vivo de immoralidade, um eguista amigo do alheio, um devasso emfim, e sobretudo um tenaz perseguidor da Igreja, um inimigo da verdade e do direito, este é o homem tipo liberal mindeleiro. E' o que vemos, e ninguem, cujo intuito não seja deturpar a verdade historica e dos acontecimentos de ha 42 annos de governo liberal, se atreverá a contestal-o.

Pouco esboçada vae a celebrada liberdade mindeleira, mas a suprir a inopia do esboço está ella ahi em traços salientes que farte, revelando-se com toda a sua hediondez. Abram os olhos os incautos em cujo animo tenham calado as fementidas conveniencias que ella em fallas capciosas se attribue; abram os olhos, dizemos, e o desengano não deixará duvidas desilludindo o menos precavido com a apresentação nua e descarada d'essa idra medonha e horripilante chamada por negação—liberdade... do Mindelo.

J. MACHADO JUNIOR.

REVISTA ESTRANGEIRA

Noticiou-nos o telegrafo que o bispo de Seo de Urgel se evadira a bordo d'um vapor inglez. Esta noticia ainda não está confirmada.

Farbes 20.—A brigada de Valença passando d'Arcyon para a Navarra, foi conduzida a Gavarnie por traição dos guias hispanhoes

Oitocentos carlistas chegaram a Farbes.

Hendaya 21.—O general Saballs escreveu a Martinez Campos diseo-do-lhe que protesta contra á violação pelo governo affonsista dos tratados que disem respeito aos prisioneiros.

Declara que não fará nenhuma troca até que o bispo d'Urgel, ultrajado pelo governo, seja posto em liberdade.

A casa da camara de Heroani está redusida a um montão de ruinas.

Tolosa 18.—A familia real estabelecida momentaneamente no palacio de Vertiz, continúa a ser objecto das ovações das populações carlistas. S. M. a Rainha D. Margarida de Bourbon, ao lado do seu augusto esposo, cercados do principe hereditario, D. Jaime, e de suas eucantadoras irmãs, D. Branca, D. Elvira, e D. Beatriz, nos apresentam o futuro da Hispanha catholica.

O combate do dia 15 de setembro sobre as nossas linhas de Guipuzcoa, foi sobre quasi todos os pontos, um glorioso leito d'armas para os nossos intrepidos batalhões.

Do lado de Irun sómente, tendo o inimigo lançado forças consideraveis, calculadas em 3:000 nomes, sobre Urcabe e Oyarzum defendido sómente por duas companhias carlistas, arrombou triunfalmente portas abertas.

Sendo o combste insustentavel e as posições tão pouco importantes que era inutil defendel-as a mais não poder, sobre tudo n'uma tal desproporção numerica, os nossos retiraram-se em boa ordem sem perder nem um só homem, nem um só objecto de guerra.

O inimigo aproveitando-se d'esta retirada absolutamente ordenada pelas circunstancias, entrou em Oyarzun, aonde se não atreveu a passar a noite. E' esta a verdade absoluta sobre este acontecimento ao qual a imprensa revolucionaria não se poupou em dar uma importancia que elle não tem.

Lê-se no «Cuartel Real»:

Estella 22.—O alto de S. Christobal de Pamplona foi recuperado pelo 8.º batalhão de Navarra na retirada do inimigo.

Idem 23.—O inimigo encontrou grandes forças em Pamplona e immedições. Parece que tem razões para dois dias e que se dispõe a fazer alguma operação.

Os nossos batalhões á frente do inimigo, estão dispostos a receber o e anciosos por se baterem.

Echarri—Aranaz.—Agora mesmo entra aqui S. M.

Antes de sahir de Lecumberri conferenciou com S. A. R. e conde de Gaserta.

Ao dirigir-se aqui visitou o forte da Trindade que defende a entrada da Barroca.

Todas as povoações do transitio estavam illuminadas e todos os habitantes esperavam a chegada do rei que acclamaram com delirio.

Oiquina 22.—Guetaria rompeu o fogo de canhão hontem á noite. As nossas baterias responderam-lhe vigorosamente. Continuou toda a noite com uma pequena interrupção e hoje continúa. Apresentou-se hontem á noite um vapor com lanchas.

Mais de 80 granadas nossas rebentaram dentro do povoado durante a noite.

Amigos e collegas:

Peço publiqueis o seguinte, que n'esta data envio ao director do «Jornal do Minho».

28 de setembro de 1875.

DIAS FREITAS

Emprasamento.

Empraso o auctor da carta do Porto (?) publicada em o n.º 77 do «Jornal do Minho» para que, sem perda de tempo, me illucide sobre o verdadeiro significado das seguintes palavras, referentes ao signatario d'estas linhas: «...que passeia em Braga com detrimento publico segundo é voz geral no Porto e fóra».

DIAS FREITAS.

GAZETILHA

Santa Filomena.—No proximo domingo festeja-se, no templo do Salvador, a Imagem de Santa Filomena. De manhã haverá missa cantada, a grande instrumental; exposição todo o dia, e de tarde sermão, pregado pelo distincto alumno da Universidade, padre Constantino Ferreira d'Almeida, e no fim *Te-Deum*, tambem a grande instrumental.

No sabbado haverá illuminação, fogo do ar, e basar de prendas, que continuará na tarde de domingo.

Commissões d'exames finais de instrucção secundaria.—O «Diario» publica o nome dos individuos que teem de compor as commissões dos exames d'instrucção secundaria, a que no proximo outubro se ha de proceder em Lisboa, Porto e Coimbra.

Os do Porto são os seguintes:

Presidente da commissão de exames: Conselheiro José Pereira Reis.

Vogaes da commissão:

Para as mesas de portuguez, latim, historia e filosofia

Dr. Antonio João da França Bettencourt, lente da universidade.

Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo, professor do liceu de Braga.

Delfim Maria de Oliveira Maia, idem no do Porto.

Para a meza de inglez

Dr. Antonio João da França Bettencourt, lente da universidade. Luiz Antonio Pinto de Aguiar, professor no liceo do Porto. Florido Telles de Menezes e Vasconcellos.

Para a mesa de mathematica

Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa—lente da academia polytechnica. Dr. Antonio Pinto de Magalhães Aguiar—idem. Pedro de Amorim Vianna—idem.

Para a mesa de desenho

Os dois primeiros da mesa antecedente. Antonio Soares dos Reis—sócio de merito das academias de bellas artes de Lisboa e Porto.

Para a mesa de introduccão à historia natural

Dr. Raymundo Venancio Rodrigues—lente da universidade. Dr. Adriano de Paiva Faria Brandão—lente da academia polytechnica. José Carlos Lopes Junior—lente da escola medico-cirurgica do Porto.

Pergunta innocente.—Um dos cavalheiros mais respeitaveis d'esta cidade pela sua illustração e probidade inquebrantavel, envia-nos o seguinte, a que gostosamente damos publicidate:

«Com que cara ficaria o snr. Roque II ao lêr—se leu—a honrosa carta que o sr. J. Fontellas lhe dirigiu, agradecendo-lhe o generoso cuidado de lhe furtar os versos, e publical-os como de sua lavra?—Com a mesma com que ficará depois de dar á luz o seu romance—Misterios do carcere—se é seu; porque cesteiro que faz um cesto faz um cento.»

Não espere o nosso presado amigo pela publicação do tal romance.

O creançola nem ao menos sabe escrever o seu nome, conscientemente.

E' um pachiderme, não val um alho. Apoiemos.—A «Palavra» lembra a conveniencia da publicação, em opusculo, dos escriptos do nosso presado collega M. Marinho, insertos na Semana Religiosa Bracarense, sob o título de—A reforma do clero.

Apoiemos. Errata.—No escripto, publicado em o n.º antecedente, sob o título Aos habitantes da freguezia de S. Paio de Merelim e circumvizinhas, saio errada a data: onde, pois, se lê—1803, leia-se 1873.

Fallecimento.—Falleceu ante-hontem a sr.ª D. Rosa Angelina d'Almeida Peixoto, mãe do sr. Peixoto, escrivão da administração do concelho. A finada teve hontem officios fúnebres na igreja do Carmo, sendo em seguida conduzida para o cemiterio.

Damos os nossos sentimentos á familia da fiada, e pedimos para suffragar a sua alma as orações dos leitores.

Não se deve brincar com cousas sérias.—Havia um respeitavel cura, tão bom e tão caridoso que mais não podia ser, e por isso muitas vezes era victima de amargos logros da gente leviana e ociosa.

Uma noite vieram chamil-o a toda a pressa para confessar um enfermo; o cura levantou-se logo, e cinco minutos depois subia elle um quinto andar e batia á porta d'uma mansarda.

Alguns homens e mulheres rodeavam um leito, e olhavam sorratamente uns para os outros, mal podendo conter o sério.

O bom cura que de nada desconfiava, aproximou-se do leito, tomou a mão ao doente e sentindo-a inerte, bateu-lhe o pulso, que não achou. Voltou-se então para os circumstantes, e disse-lhes penalizado:

—Meus filhos, é muito tarde! vosso amigo está morto!

As mulheres não poderam mais conter-se, e deixaram escapar uma gargalhada suffocada. O cura franziu o sobrolho, e com voz firme repetiu:—Minhas filhas! véde... está morto e bem morto!

Todos se precipitaram sobre o corpo do infeliz que jazia inanimado no leito, e o riso deu lugar ao pranto e aos gemidos; e todos á porfia se prostraram aos pés do santo ministro do Senhor, supplicando-lhe perdão!

—Porque me pedis perdão?—lhes perguntou o cura admirado.

—Oh! Senhor cura—exclamaram as mulheres arrependendo-se todas—nós somos gente sem juizo, somos umas miseraveis! Este homem fingiu-se enfermo por nosso conselho, afim de que vos possesmos mandar chamar e obter de vós dinheiro para as nossas orgias! Oh! miseraveis! miseraveis! nós queriamos abusar infamemente da vossa bondade, da vossa caridade, e por isso Deus nos castigou severamente... nosso companheiro está morto!

—Meus filhos—retorquiu o cura dirigindo-se a todos—fizest-vos uma acção má, muito má, infame mesmo! Mas vistes qual foi o resultado de vossa indesculpavel levandade; sirva-vos isso de exemplo, e para o futuro lembrae-vos e fazei que vossos companheiros se lembrem de que nunca se deve brincar nem abusar das cousas sérias—(O Bom Ladrão).

Anedoctas.—Queixara-se ao imperador da Russia (Alexandre I) um de seus camaristas por não lhe permittirem suas circumstancias o fazer face a todas as despesas em que o induzia a sua alta posição: no dia immediato manda-lhe Alexandre um livro ricamente encadernado; abre-o o fidalgo, e reconhece em cada pagina uma nota do banco de S. Petersburgo. Passam-se dias e não pouco se admira o soberano de que nem uma palavra de agradecimento lhe dirija o camarista, o que o faz desconfiar de não haver chegado o presente ao seu destino, e por isso lhe pergunta: «Conde, não recebeste a obra que te mandei?» —«Sim, senhor, lhe responde o camarista, e se ainda o não agradecei, foi porque estava esperando pela continuação, para depois agradecer por junto a Vossa Magestade.» No dia seguinte mandou-lhe Alexandre I outro volume contendo igual valor, mas com este titulo: Tomo II e ultimo.

—Havendo sonhado um principe allemão com tres grandes rataboas, uma muito gorda, outra magrissima, e a terceira cega, consultou uma cigana afamada, que assim lhe disse: «A rataboza gorda é o vosso primeiro ministro, a magra é o povo, e a cega sois vós, senhor.» — Pisistrato, descendente dos Soberanos d'Athenas, foi idolatrado pelo povo, e cegamente obedecido sempre, apesar da opposição de Solon. Assistindo sua filha um dia a uma cerimonia religiosa, um mancebo que apaixonadamente a amava, em um excesso de amoroso e frenetico delirio, a abraçou, e até d'ahi a dias tentou raptal-a. Offendida com tanta audacia a familia da joven, obstinadamente exigia de Pisistrato que se vingasse d'aquelle homem. «E porque lhe hei de eu querer mal? respondeu; se aborrecemos os que nos amam, ou a qualquer dos nossos, que faremos aos que nos aborrecem?» —E longe de punil-o, era o mancebo d'ahi a poucos dias esposo de sua filha.

—Estava um dia á sua janella uma senhora fidalga, viuva e muí discreta, quando viu uma sua creada andar varrendo da loja para a rua, triste como a noite, aflogueada como uma romã, e chorosa como uma Santa Maria Magdalena. Vae ter com ella, e com suavidade lhe pergunta o que assim a pena? Era o caso que a boa da rapariga tinha nascido de gente limpa e em casa farta, e em pequena tivera creada para a servir. Por morte dos paes cahira em pobreza, o que a trazia a servir por casas alheias. «Não se me dá do trabalho, soluçava ella; o que me costa é a vergonha; andr aqui a varrer á vista de quanta gente passa!...» A dama lhe toma das mãos, sem enfado, a vassoura, e se põe a varrer muí desassombradamente a testada da sua casa. Ficou a serva a principio a olhar para ella estupefacta; depois quiz-lhe ir á mão.—«Deixa estar, filha, lhe tornou a senhora; isto não me custa; que vergonha é fazer a gente coisas uteis? outras, que eram mais que tu e eu, as fizeram; a Virgem Maria (e mais era descendente de muitos Reis, e emfim era a Virgem Maria) tenho por certo que tambem varria a sua cosinha, como tu ainda agora fazias; e o Filho de Deus, com ser o Filho de Deus e o Senhor do ceo e da terra, não viveu trinta annos em tamanha humilhação, desde as palhinhas do presepio até ser preso, esbofetado, e pregado n'uma cruz? estou vendo que elle não havia muita vez de tirar a vassoura das mãos de sua Mãe Santissima para varrer em lugar d'ella!... Andae, filha, andae; não façamos nós de que nos envergonhemos, que lá o trabalhar no que

se faz mister, não é cousa porque hajamos de córar.»—O sermão não fóra encomendado, mas foi pago; a creada, que era já boa, ficou optima.

Bom é archivar factos d'estes, não com a esperanza de que entre nós se imitem, pois é o orgulho um de nossos maiores defeitos, mas como honrosos para a humanidade.

—Reprehendia asperamente uma nometeira a seu irmão por ser jogador como nunca se vira, e melancolicamente lhe exclamava:

—Ora, dize-me, quando has de tu deixar de jogar?

—Quando tu deixares de namorar.

—Bonito! Com que então has de jogar toda a vida?

—De Solimão, Imperador turco, se conta uma graciosa sentença. Emprestando certo judeu a um christão avultada quantia, sob a c-nção de que os juros haviam de ser tirar-lhe do corpo em dia determinado duas onças de carne. D'ahi a tempos satisfz o christão a divida, negando-se porém ao pagamento dos juros. Subiu de ponto a altercação, até que foram ter com o soberano para que solvesse a duvida. Ouvido o caso, mandou vir uma navalha bem affada, metto-a na mão do judeu, e assim lhe disse: «Justo é que vos pagueis por vossa propria mão; escolhei do corpo d'esse christão a parte que quizerdes, porém cuidado, que se lhe arrancaes mais ou menos de duas onças, vos mando cortar a cabeça.» O judeu não quiz estar pelos autos, e o christão deu graças á giria do Monarcha.

Parecia-se com Salomão, no nome e na astucia.

Porque muitos recusam a confissão.—Foi chamado um sacerdote para confessar um negociante gravemente enfermo; mas este recusava formalmente.

—Vosso pae era usurario?—Perguntou-lhe o sacerdote.

—Porque me fazeis essa pergunta?

—Porque tendo reconhecido que em geral são os usurarios que recusam confessar-se, com receio de que se lhes falle em restituição.

O enfermo calou-se por algum tempo, e depois elle mesmo pediu confissão.

Portuguezes fallecidos.—Falleceram no Rio de Janeiro desde 26 de agosto até 1 de setembro os seguintes subditos portuguezes:

Angelica Dutra, 30 annos, solteira; Joaquim Rodrigues da Silva, 40 a., casado; José Velloso Braga, 36 a., c.; José Maria de Freitas, 27 a., s.; Maria Norton Murat, 74 a., viuva; Carlos Augusto Vieira, 35 a., s.; José Machado de Oliveira, 27 a., c.; Ricardo José Domingues Ferreira, 69 a., v.; Antonio Manuel de Lima, 39 a., s.; Manuel Tavares de Oliveira, 45 a., s.; Antonio Pinto de Castro, 23 a., s.; Antonio Gonçalves de Macedo, 17 a., s.; João Maria da Costa Braga, 36 a., s.; Domingos José da Costa, 70 a., v.; Antonio de Matta Faqueta, 30 a., s.; João Francisco Carneiro, 63 a., c.; Manuel Ferreira dos Santos, 38 a., c.; Joaquim Maria Baudeira, 20 a., s.; José de Carvalho Porto, 60 a., s.; Manuel de Leiza e Castro, 25 a., s.; José de Rezende, 50 a., c.; Antonio Domingues, 48 a., c.; Antonio Bonifacio, 45 a., s.; José Pedro da Costa Queiroz, 48 a., v.; Manuel Machado Dutra, 40 a., c.; Francisco Gonçalves da Silva, 40 a., c.; Maria Guilhermina Dutton, 78 a., s.; Antonio Pereira Braga, 24 a., s.

—Falleceram igualmente na mesma cidade desde 4 a 7 de setembro mais os seguintes:

Manuel Henrique, 21 annos, solteiro; Maria Candida, 26 a., s.; Francisco Ignacio Cardoso, 40 a., casado; Francisco José da Fonseca Veiga, 53 a., s.; Antonio Rebello de Moura, 25 a., s.; Antonio José Antunes, 58 a., viuvo; Maximiano de Santa Rosa Lima, 43 a., v.; Francisco Gonçalves Correia, 43 a., s.; Manuel José, 30 a., c.; Francisco da Silva Azevedo, 35 a., s.; Manuel Fernandes, 46 a., s.; Ribuna Rosa da Silva Leite, 50 a., c.; José de Sant'Anna, 63 a., c.; José Sabino Vanna, 19 a., s.; Manuel Alves Pereira, 51 a., s.; José Antonio da Cunha, 33 a., s.

—Em Pernambuco falleceram desde 28 de agosto até 6 de setembro os seguintes subditos portuguezes:

José Maria de Medeiros, 16 annos, solteiro; Antonio Barbosa; 55 a., casado; Domingos José de Oliveira, 13 a.; Joaquim Martins Torres, 23 a., s.; Antonio da Silva Coelho 50 a., c.; José

da Costa Dourado, 75 a., viuvo; Antonio Maria Marques, 30 a., s.

Exequias pela alma de Garcia Moreno.—Vão celebrar-se brevemente em Roma, por ordem de Sua Santidade, na igreja Transpontina, perto do Vaticano, exequias solemnes por alma do presidente da republica do Equador, D. Gabriel Garcia Moreno.

Caminho de ferro da Povoia de Varzim.—Está marcado dia 2 do mez de outubro para a inauguração do caminho de ferro do Porto á Povoia de Varzim.

Garcia Moreno.—Lemos no Monde de 4 do corrente, a respeito do assassinato do presidente da republica do Equador, o seguinte:

«O «Figaro» referiu no seu n.º de 8 setembro, a proposito da morte do presidente Garcia Moreno, a anedocta, que se segue:

«Um certo dia, soube elle que a guarnição de Quito se insubordinara e que desacatava a auctoridade de seus chefes.

Garcia Moreno transporta-se immediatamente ao theatro da revolta, manda reunir, e os soldados obedecem pensando que o presidente vinha escutar as suas queixas e fazer-lhes a vontade, segundo o costume dos presidentes das republicas hispanholas. Põe as tropas em linha, desce do cavallo, percorre as fileiras, conta primeiramente de 1 até 10 e chegando a este numero faz saltar os miolos ao decimo soldado.

Depois prosegue o mesmo exercicio e continua a dizimação até ao fim.

Os soldados domados e fascinados por um acto de tal ousadia, não reagiram, e entraram nos quartéis conduzindo os mortos.»

Esta anedocta é falsa; a seguinte carta, que nos foi communicada e que o «Figaro» não publicou, desmente-a magnificamente:

«Pariz 11 de setembro.—Snr. redactor. A anedocta relativa ao snr. Garcia Moreno, assassinado presidente da republica do Equador, estampada no «Figaro» de 8 setembro, foi-vos contada por uma pessoa que nem conheceu o paiz, nem o homem de quem fallava. Dizeis que elle dizimou uma vez por suas proprias mãos umas forças insubordinadas.

Tenho a honra de ser concidadão, parente e admirador do snr. Garcia Moreno e vivi com elle muito tempo.

O acto, aliás inverosimil, que se lhe attribue, teria sido possivel á sua extraordinaria intrepidez, mas os costumes do paiz não o tornaram necessario e sobretudo os proprios costumes do finado lhe teriam proporcionado outro meio de dominar uma sedição. Ajudou-o a bem reger o paiz mais a rectidão do seu espirito, a justiça e constancia que aureolavam aquella nobre alma do que a força e energia de seu braço.

Era um heroe christão e não um heroe barbaro; e o seu paiz, havendo collocado á frente dos negocios publicos um homem digno de mandar, sonbe tambem nobremente obedecer. O presidente do Equador offerece o raro espectáculo d'um chefe de governo contra o qual se não erguia partido algum. Depois de duas presencias uma de quatro annos, outra de seis, o suffragio universal acabava de o reeleger a terceira vez por unanimidade. Nós todos o consideramos como um homem magnanimo e o mais illustre, sem contestação, da America do sul. Choramol-o como um pae; veneramol-o como um martyr!

Uma ideia o matou, porque era o representante victorioso d'uma ideia superior. Personificava a religião; mas personificava tambem, ao mesmo tempo, a instrucção, a sciencia, o commercio, a industria, a boa ordem civil, a paz firme e honrosa. Cobriu o nosso paiz de escolas, de instituições, de estradas e de edificios magnificos. A ordem que estabeleceu era tão perfeita que parecia não poder alterar-se mais: elle, porém, que tudo havia feito e que parecia de per si segurar tudo; sem que nada se abalasse; já não existe e nada parece agora solido.

Os seus tres assassinos eram apenas sicarios na povoação. O que feriu por traz vinha do estrangeiro; os outros dois são jovens fanatisados que não tinham cousa alguma que exprobral-lhe pessoalmente. O seu odio não provinha senão d'aquelles cujo instrumento eram.

Na historia pessoal de Garcia Moreno só encontraremos perdões repetidos, muitas vezes obstinados, tambem muitas vezes victoriosos; de vinganças nem sombras. Não as praticou contra ninguém; ninguém as tinha que praticar contra elle. Como chefe militar, tinha a sua espada;

como chefe civil, protegia a acção da magistratura: nunca tocou na arma do verdugo, senão para o repellar.

Julgo ser o interprete dos meus concidãos, dirigindo-vos esta carta, que é sobretudo, uma homenagem á justiça e á verdade.

Tenho a honra de ser vosso humilde servo.—J. M. Lasso.»

A' eloquente carta que acabamos de ler, o «Univers» acrescenta a seguinte narração que mui gostosamente trescrevemos:

«O que pôde dar lugar á anedota do «Figaro» é um feito d'armas extraordinario, que mostra melhor o que era Moreno. Estava a terminar o tempo de sua primeira presidencia e redigia elle uma memoria sobre a primeira administração, quando chega um proprio de Guayaquil a Quito, a dar-lhe parte que o general Urbina, um dos mais temiveis sediciosos do paiz, acabava de se insubordinar e se apoderára por surpresa de muitos navios do governo, no porto de Jambelli, onde organisava a sua tropa. No mesmo instante, Moreno fez o seu plano, deu algumas ordens e partiu.

De Quito a Guayaquil, o correio leva 6 dias. Moreno partiu só a cavallo e fez o trajecto em 3 dias. Tinha calculado que chegaria a Jambelli no momento da passagem d'um navio inglez que faz o serviço dos viajantes. O navio passava com effeito.

Contratou-o para o serviço do Estado pelo preço de quinhentos mil francos, poz a bordo cento e vinte e cinco homens escolhidos, ouviu missa, communhou e marchou ao encontro do inimigo. A sua firmeza tinha já vencido a resistencia dos amigos e dos aliados de Urbina, entre os quaes se achava Topete, capitão d'um navio de guerra hispanhol. Topete ameaçava fazer fogo sobre elle.

—Atreveis-vos a isso? lhe diz Moreno, fazendo arvorar a bandeira do Equador.

Dirigindo-se em seguida á tropa, mostrou-lhe o seu revolver.

«Nós combatemos pelas leis: eu matarei aquelle que não cumprir o seu dever.»

O inimigo mostrou-se logo. Apareceu sobre cinco navios em linha de batalha e disparou logo que se julgou ao alcance. Moreno prohibiu que se respondesse antes de o ordenar e mandou que se dirigissem direitos ao navio mais forte. Quando se viu perto d'esse navio ordenou que dessem toda a força á machina, chegou ligeiro como um raio, saltou sobre o inimigo com toda a sua gente e venceu-o á arma branca, depois d'um curto combate. A batalha estava ganha. As outras embarcações desconcertadas, renderam-se com os duzentos homens que as montavam.

Urbina, que conspirava de longe, não tinha ainda reunido as suas forças e ficou no Perú.»

O «Diario Illustrado» de 15 do corrente transcreve a narração do «Figaro» e acrescenta cynicamente:

«Desde então não houve mais pronunciamientos militares na republica do Equador. Apesar d'isso Garcia Moreno morreu de morte violenta, em resultado d'uma revolução capitaneada por padres. Escusado era dizer que os padres e os principaes revoltosos foram todos fusilados.»

Esta calumnia ou é inventada pelo «Diario» ou copiada d'outro jornal que a inventou.

Estes senhores caluniam os que odeiam para os desacreditarem. Em todo o caso ahí fica p remptoriamente refutada pela transcripção que fazemos do «Monde».

Não são os padres que conspiram no Equador. São elles os que mais tem contribuido para moralisar aquella republica e livral-a do flagello das conspirações. Basta dizermos ao «Illustrado» que o Equador é o estado onde relativamente ha mais jesuitas, que convertem os selvagem, ensinam nos collegios e parochias freguezias. Os revolucionarios de todo o mundo chamam ao Equador um estado clerical. E' por isso que a franc-maçõnaria odiava Garcia Moreno, e lhe desejava a morte que afinal pôde dar-lhe por meio de tres assassinos para isso assalariados.

A proclamação do governo do Equador dá-nos todas as esperanças de que serão baldados os desejos dos inimigos do catholicismo. (Palavra)

DECLARAÇÃO.

O padre Joaquim Fernandes Lopes, attendendo a que a instrucção das creanças matriculadas na escola de S. Paio de Merelim, não soffia interrupção, e accedendo ás instancias dos ex. mos vice-presidente, servindo de presidente da camara municipal, e administrador do concelho, cede por mais algum tempo a sua casa

sita n'aquella freguesia para a escola da mesma, sob condição de que se dêem, sem perda de tempo, as necessarias providencias.

Padre Joaquim Fernandes Lopes.

N'esta redacção se acham á venda photographias do Senhor D. Miguel, chegados recentemente da Alemanha.

PREÇOS

As pequenas 160 réis.
As maiores 300 réis.

VARIEDADES

Cartas a mestre Roque II—vulgo Moraes Neves.

I

III. mo snr.

V. s.ª é um grandissimo parvo.

(Desculpe começar assim, mas embirro com a giria epistolografica d'outras eras, pouco menos do que embirro com os esgalrachos da estofa de v. s.ª)

Ora pois.

Eu achei carradas de pilheria a algumas linhas da sua correspondencia,—omelleta cosinhada com acepipes, que possam engulhar a grammatia e o bom senso, afim de que nem uma nem outro mettam nariz nos abortos intellectuaes de v. s.ª

E tem muita razão.

Pois é toleravel que os estranhos venham devassar o que se passa no interior de nossas habitações?

E a estapafurdia habitação craneava de v. s.ª, felizmente não pôde ser descortinada, nem por olhos de linco, porque é toda construida de rocha viva.

Seão que o digam aquelles bonitos, feitos á enxó, que v. s.ª grudou picarescamente na correspondencia do Porto (enfrigideirada em Braga?), para o «Jornal do Minho, onde por arte de berliquesberloques te foste alampardar, ó safardano obtuso.

Sinto confranger-se-me o coração e receio uns arrepios nervosos nas biqueiras das botas, quando me lembro que as suadas tarefas dos ensaios de copista semiscarunfo de v. s.ª, tem sido tão mal acolhidos por essa cafila de ingratos, que nem sequer callam o bico se vêem um pobre diabo, como é v. s.ª, a filar os gatasios na propriedade alheia!

E como se me crispam os nervos ao ouvir-os gritar: oh! da guarda!—conhecendo, como conheço, que o papalvo do meu amigo é um surripador encartado, e que por causa da crassa estupidez, que o distingue entre os demais asneirões de grosso calibre, só pôde arrear-se com alheias galas!

Creia o meu Roque II de eternas luminarias, que eu soffro dos seus soffrimentos e choro das suas lagrimas, porque emfim... v. s.ª não sabe o que faz.

Que importa que v. s.ª aude de fuoil collado á mandibula superior, para gaguejar o que os outros disseram?

O que lhe pôde acontecer, é tomarem o meu Roque junior por um pipagaio obsoleto, e correrem-no a piparotes até aquellas escadinhas que ficam fronteiras ao templo dos Terceiros.

Se, porém, os ingratosões gazuflarem a cachaceira do meu delicioso palerma, faça-lhes acreditar que o cornaca, sob cujo chicote v. s.ª hade saracotear vertiginosamente, precisa de esconjurar o aborreimento, e que para isso só o palhaço do meu amigo está ao pintar.

E assim ficará v. s.ª livre e forro, com o que pinchará de contente a minha pessoa, vendo-se ubtraida á farrusca melancolia, que não cessa de a namorar.

Póde, pois, o meu caro mestre Roque II continuar a ceifa de loiros, para enastrear a sua testa microscopica,—bonita coberteira do craneo mais rombo do universo.

A policia dorme; mas... eu «velo a tua seductora imagem» e...

Au revoir.

Barnabó.

AGRADECIMENTOS

José Joaquim da Fonseca e sua esposa D. Maria da Luz agradecem por este

meio, não lhes sendo possivel fazel-o pessoalmente a todas as pessoas que tomaram parte aa dôr que os feriu por occasião do passamento dos seus dois innocentes filhos que a morte acaba de roubar-lhes. A todos protestam gratidão indelelvel. (2728)

ANNUNCIOS

Mudança de estabelecimento

José Joaquim Coelho dos Santos, negociante de pannos, da rua do Souto, mudou no S. Miguel o seu estabelecimento para a rua da Misericordia, n.º 8. (2717)

ATTENÇÃO

Quem precisar de um individuo conhecido de escripturação mercantil em partidas dobradas ou simples, que tem algumas horas disponiveis ao dia, dirija-se a esta redacção em carta fechada, com as iniciaes X. Y. Z. (2719)

Conselheiro Camillo Aureliano

CULTURA

DAS

ARVORES FRUCTIFERAS

Pereiras, Macieiras e Pecegueiros

Modo pratico de plantar estas arvores, de dirigilas e podalas, obrigando-as a fructificar dentro de tres annos, seguido d'uma relação descriptiva das meliores peras, maçãs e pecegos que se cultivam no estrangeiro.

Um nitido volume de 328 paginas com 65 gravuras intercaladas no texto.

800 reis—franco, 840 reis.

Na Livraria Bracarense, rua do Souto, 25, 25 A e 25 B.

No Porto, Livraria Moré—editora (2720)

LIVRARIA

BRACARENSE

DE

Joaquim Januario da Silva

Rua do Souto, 25, 25 A e 25 B.

Desde já se acham á venda n'esta Livraria, to los os compendios adoptados no Lyceu e Seminario d'esta cidade. Assim com o um grande sortido de estojos para desenho, caixas com tintas, postos, etc., etc.

Almanach da Senhora Angot, para 1876, a 120 rs. (2721)

J. M. PINHEIRO



ESCOLA AMERICANA

Extrai, cura e conserta os dentes cariados, colloca dentes artificiaes com perfeição. Presta-se a chamados fóra da cidade. Consultorio, Campo de Sant'Anna n.º 1, das 8 da manhã ás 5 da tarde (2723)

Agencia do Banco de Vianna

CARVALHOS & C.ª

Rua do Souto n.º 30

Esta agencia faz as seguintes operações:
Desconta letras da terra e de cambio. Encarrega-se da compra e venda de papeis de credito. Recae de dinheiro á ordem e a prazo abonando uros.
Empresta sobre penhores d'ouro, prata, inscripções, acções de bancos e companhias. Saca sobre praças do reino e estrangeiras, onde o Banco tem agencias. Braga, 3 de junho de 1875

Os agentes.—Carvalhos & C.ª

Hygienica infallivel y preservativa, absolutamente a unica que cura sem lhe juntar mais nada. Vende-se nas principaes farmacias do mundo. Exigir a instrução do uso. (50 caixas de esido.) Paris, casa do inventor Dr. Mogenot, 158. Lisboa, S. Paulo Lote 28 e 29

INJECTION BROU



José Antonio Marques, d'esta cidade faz publico que desde o dia 1.º do futuro mez d'outubro altera a sua carreira alternada d'esta cidade para Ponte do Lima, saindo para Ponte ás 2 horas da tarde e chega ás 6; sae de Ponte ás 2 horas da tarde e chega a Braga ás 7, tendo um quarto d'hora em Freiriz, de demora.

Preços:

De Braga a Prado e vice-versa 120 reis.
» a Febros » 200 »
» a Moure » dentro 240 e fóra 200. rs.
» a Freiriz e vice-versa, dentro 300 reis e fóra 240.
» a Ponte e vice-versa, dentro 500 reis e fóra 400.

Escriptorios:

Em Braga, em casa do snr. Arranjadinho; em Ponte, em casa do snr. José Sequeira.

Braga 29 de setembro de 1875.

O gerente,

(2725) Francisco Pereira Leite e Costro.



NOVO HORARIO

Antonio José Ribeiro, faz publico que muda a sua carreira que tem d'esta cidade para a Povoia do Varzim ás 10 horas da noite, principia a sair no dia 2 d'outubro em diante, ás 9 horas da manhã, chegando a Barcellos ás 12; demora-se meia hora e segue para a Povoia á meia, chegando ás 4 da tarde.

Volta

Sae da Povoia ás 6 horas da manhã, chega a Barcellos ás 9, demora-se meia hora, sae ás 9 e meia e chega a Braga á 1 da tarde.

Os preços são os já annunciados. (2727)



NOVO HORARIO

Joaquim Alves Vinagreiro, participa ao respeitavel publico que as suas carreiras que tem d'esta cidade para a Povoia de Lanhoso ás 6 horas da manhã e 3 da tarde e da Povoia para esta cidade ás 6 da manhã e 4 da tarde, principia a sair desde o dia 3 de outubro inclusivé, d'esta cidade ás 6 horas da manhã e 2 da tarde chegando á Povoia ás 8 horas da manhã e 4 da tarde; e da Povoia para esta cidade ás 6 horas da manhã e 3 da tarde, e chega a Braga ás 8 da manhã e 5 da tarde.

Braga 29 de setembro de 1875.

(2726) Joaquim Alves Vinagreiro.

